

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

Gerson Gomes do Nascimento¹
Jussara Danielle Martins Aires²

RESUMO

O Positivismo do século XIX buscou seguir um modelo naturalista de ciência, utilizando métodos e perspectivas analíticas incontestáveis das ciências exatas. A limitação aos juízos de fato, a neutralidade do pesquisador e a confiabilidade dos resultados eram exigências fundamentais dessa doutrina. Nesse contexto, Weber questionou a metodologia proposta por essa corrente, afirmando a sua impossibilidade de atender aos anseios das Ciências Sociais. Estas, também chamadas de Ciências da Cultura, foram definidas como um esforço destinado a compreender e a explicar as obras construídas pelos homens e os valores aos quais aderiram (no presente ou passado). A partir dessas considerações, o breve artigo ora apresentado, propõe-se a analisar o sentido da objetividade no campo das ciências Sociais na visão do referido autor. Assim, serão evidenciadas as regras, consideradas imprescindíveis, para se obter um conhecimento sociológico objetivo, isto é, com validade universal.

PALAVRAS-CHAVE: Positivismo; Valores humanos. Objetividade do conhecimento nas ciências sociais. Weber. Validade universal.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal fazer uma análise sobre a questão da objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais na visão de Max Weber. Procurou-se, de forma sucinta, evidenciar como esse autor, no contexto histórico em que viveu, abordou a questão supracitada como forma de diferenciar os caminhos pelos quais as ciências sociais deveriam concorrer para o avanço de um sentido, significado e método até então percorrido e dominado pelas ciências naturais, caucadas no Positivismo e que, nem sempre as respostas aos problemas quando relacionados à sociedade eram devidamente analisados e/ou respondidas às expectativas das ciências Sociais.

Acontece que o Positivismo do século XIX pretendeu seguir um modelo naturalista de ciência, através do uso métodos e perspectivas analíticas da Física, Biologia e Astronomia, em busca de uma ordem social inabalável e de leis que pudessem prever e controlar as relações entre os homens. A objetividade do conhecimento (ou seja, a desconsideração de juízos de valor por parte do pesquisador), a neutralidade do cientista e a confiabilidade dos resultados eram exigências fundamentais do modelo positivo de Sociologia. Augusto Comte e posteriormente Emile Durkheim elaboraram de diferentes maneiras os pressupostos dessa

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

nova Ciência, que prometia adquirir a mesma validade usufruída pelas áreas de exatas e biológicas.

A Sociologia alemã, tendo à frente Max Weber, na passagem para o século XX questionou essa confiança do Positivismo em se formular leis sociais. A repetição dos eventos sociais e a capacidade de se controlar e manipular os dados referentes à sociedade deixa de ser algo certo e passa a constituir um desafio para os cientistas.

As ciências Sociais incidem sobre aspectos limitados da realidade e buscam conhecê-los mediante a observação daquilo que ocorre (ou ocorreu) na convivência humana. É com base nisso que Weber utiliza o termo Ciências da Cultura, abrangendo a Sociologia e a História, para enfatizar que os valores são inerentes a elas. A cultura é para esse autor, um campo de disputas, de luta entre os homens para definir quais as qualidades das coisas, das condutas e das ocorrências que possuem caráter exemplar e podem servir como orientação perante o mundo. É uma arena significativa na qual os próprios homens atribuem valor ao que fazem (COHN, 2006).

Nesse sentido, falar de um conhecimento sociologicamente objetivo em Weber não significa considerar somente fatos e escorraçar juízos de valores da investigação científica, como

pregava a corrente positivista. Isso é inviável, uma vez que a força motriz da pesquisa é dada por valores. Como pensar em cultura sem pensar em valores? Em nome de que determinadas coisas ou ocorrências são tratadas como objetos de pesquisa? O julgamento de valor para ele, é permitido e até necessário, mas só até a seleção do objeto de estudo. Na análise, os valores são úteis de uma maneira especial, cuidadosa, relativa à causalidade, conforme será explicitado adiante.

2. O QUE É OBJETIVIDADE E COMO SER OBJETIVO NA CONCEPÇÃO WEBERIANA?

A “Objetividade” do conhecimento nas ciências sociais e nas ciências políticas. Esse é o título do ensaio feito por Weber em 1904. Interessante perceber aqui, a forma como a palavra objetividade está empregada (entre aspas), sinalizando que o autor não busca tomar o termo como algo já dado. É uma forma de questionar uma idéia tida como ultrapassada pelos positivistas, segundo a qual, o conhecimento científico deveria ser isento de valores e constituir um reflexo fidedigno da realidade. O conhecimento científico social para Weber, não seria um reflexo da realidade societária, mas sim um ordenamento conceitual dela para determinados fins (COHN, 2006; ARON, 2008; WEBER, 2001).

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

As Ciências Sociais são movidas por interesses práticos, foi com o desejo de intervir no campo humano que elas se desenvolveram. O problema de elas serem ou não vazias de interesses não tem relação necessária com o fato de poderem ou não ser “objetivas”. Para Weber “objetividade” não quer dizer desligamento dos interesses, dos valores, nem necessariamente o contrário. Até porque a ciência não pode ser vazia de valores nem de ideais (WEBER, 2001; COHN, 2006).

Assim sendo, a “objetividade” passa a ser outra coisa. Grosso modo, um conhecimento objetivo para Weber é um conhecimento válido universalmente (daí o termo validade objetiva que ele usa em seus escritos) para determinados fins, sejam eles práticos ou intelectuais. Como o que importa aqui é a Sociologia é mais cabível entender o que vem a ser um conhecimento sociologicamente válido.

Com base na leitura dos ensaios metodológicos de Weber, uma explicação sociologicamente válida (“objetiva”) deve ser: (1) neutra axiologicamente; (2) parcial, abandonando a idéia de totalidade; (3) sensível ao substrato subjetivo dos fenômenos sociais e (4) fazer uso de uma metodologia própria: os tipos ideais.

Apesar de questionar grande parte das idéias positivistas Weber foi adepto à corrente no sentido de acreditar que “o conhecimento científico só pode buscar

apoio em fatos (os dados da realidade), nunca em valores (as qualidades em nome das quais se avalia a realidade)” (COHN, p.8, 2006). Separar o entendimento do “ser” do entendimento do “dever ser”. Essa confusão deve ser revolvida para se atingir um conhecimento científico verdadeiramente objetivo. Trata-se do primeiro princípio: o da neutralidade axiológica.

No ensaio A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais e nas ciências políticas, Weber, logo no início, discorre sobre o *Arquivo* (Revista alemã da qual participou como co-editor), suas aspirações e limitações, e deixa claro que se deve ter cuidado para não imputar a um periódico científico (o *Arquivo*, no caso em particular) a responsabilidade de criar visões de mundo como sendo visões científicas. Afirma que ainda que “jamais pode ser tarefa de uma ciência empírica proporcionar normas e ideais obrigatórios, dos quais se possa derivar ‘receitas’ para a prática” (WEBER, p. 109, 2001). É que o autor imputava à ciência o estudo dos “meios” e não o dos “fins”. Ela pode dizer ao cientista o que pode fazer, mas não o que deve ser feito, ou seja, ela pode ajudar, com o seu conhecimento técnico, através de um entendimento de determinados fenômenos, quais os melhores meios para se atingir um determinado objetivo, mas não pode dizer, por mais madura

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

empiricamente que seja o que deve ser feito.

A ciência é inerentemente valorativa, ou seja, ela é também atravessada por valores. Apesar disso, ela não pode criar visões morais do mundo. Desta forma, Weber estava preocupado com o perigo de as opiniões sobre política econômica ultrapassar a análise dos meios. A ciência política não pode dizer, por exemplo, se a democracia é a melhor forma de governo, a mais correta forma de governar. Ela pode sim dizer se, para se chegar a determinados ideais políticos e ideológicos, esta ou aquela forma de governo é a mais cabível (TRAGTENBERG; WEBER, 2001).

No decorrer do ensaio já mencionado, Weber esclarece a diferença entre os termos juízo de valor e referência a valores: o primeiro consiste numa afirmação moral, opinião pessoal que pode ser refutada, ao passo que o segundo é um procedimento de seleção e organização da ciência objetiva. Por exemplo, o cientista que considera que a liberdade é algo essencial e afirma em sua pesquisa, que a liberdade de pensamento e expressão é um valor fundamental está fazendo um julgamento em que sua personalidade se manifesta. As pessoas estão livres para concordar ou discordar da referida afirmação. Por outro lado, se o sociólogo da política considerar a liberdade como um

objeto a respeito do qual os sujeitos debaterão, como aquilo que estava em jogo nos conflitos entre os homens e partidos, ele estará explorando a realidade política do passado, estabelecendo um paralelo entre ela e o valor “liberdade” (ARON, 2008).

Muito embora os juízos de valor não possam ser comprovados cientificamente, o seu uso é necessário (com cuidado). A ciência nasce do interesse do cientista. Quando ele define um determinado objeto de estudo, está implicitamente afirmando sua maior importância em relação a outros.

Weber tinha um ponto de vista de que o universo humano seria um campo de lutas entre os indivíduos para definir as qualidades das coisas, das condutas e das ocorrências que possuem caráter exemplar e podem servir como orientação perante o mundo; seria um campo de conflitos, de forças e de ideais incompatíveis entre si (COHN, 2006).

Como este conflito eterno se resolveria? Para Weber, nunca, jamais se resolve, no máximo pode ser alcançado um relativo consenso, mas só. E o consenso não deixa de ser mais um ideal, mais uma simples posição. O fato de a maioria das pessoas acreditarem numa coisa não a torna verdadeira. Este tipo de verdade não é atingível pela ciência. Desta forma, uma vez que não é possível comprovar

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

cientificamente estes ideais, não pode haver uma ética universal.

O principal objetivo da ciência é entender o porquê dos fenômenos serem o que são e da maneira que são. O problema é que a realidade, sendo “infinita”, não é cognoscível sem um processo de abstração. Todo estudo científico da realidade implica uma seleção, alguns cortes metodológicos. Assim, as ciências sociais para Weber preocupam-se em estudar as individualidades históricas, as singularidades. O real para Weber é sempre o individual. A realidade social é essencialmente individual, singular

Na medida em que nossa ciência, por meio da regressão causal, atribui causas individuais – de caráter econômico ou não – a fenômenos culturais econômicos, ela está buscando um conhecimento “histórico”. Na medida em que persegue um elemento específico dos fenômenos culturais – neste caso, o elemento econômico – através dos mais variados complexos culturais, no intuito de distinguir o seu significado cultural, ela está a buscar uma interpretação histórica a partir de um ponto de vista específico. Oferece, assim, uma imagem parcial, um trabalho preliminar, para o conhecimento histórico completo da cultura (WEBER, p.119, 2001).

A passagem acima mostra o ceticismo implícito em Weber acerca da idéia de totalidade. Isso fica mais claro ao analisar sua crítica ao materialismo histórico. Ele admitiu as possibilidades positivas do uso de categorias gerais do materialismo histórico, mas não deixou de

criticar a sua ambição a uma visão pretensiosamente totalizante. Assim, ele afirma

Livres do preconceito obsoleto de que a totalidade dos fenômenos culturais pode ser deduzida como produto ou como função de determinadas constelações de interesses “materiais”, cremos, no entanto, que a análise dos fenômenos sociais e dos processos culturais da perspectiva especial do seu condicionamento e alcance econômico foi um princípio científico de fecundidade criadora, e continuará a sê-lo, enquanto dele se fizer uso prudente e livre de coibições dogmáticas. Quanto à chamada “concepção materialista da história”, é preciso repeli-la com a maior ênfase, enquanto “concepção do mundo”, ou quando encarada como denominador comum da explicação causal da realidade histórica. – pois o cultivo de uma interpretação econômica da história é um dos fins essenciais da nossa revista (WEBER, p. 121, 2001).

Esse tema da totalidade e da parcialidade é importante para o entendimento da visão da “objetividade” que Weber possuía. Ela está relacionada à sua visão singular acerca da causalidade. Para Weber, o total é algo que tem limites, possui fim e a realidade é infinita.

Um exemplo bem claro dessa idéia pode ser observado aqui: Se uma pessoa X mata Y em 22 de junho de 2010, e alguém tenta explicar a causa do assassinato, esta explicação será imediatista, ou seja, buscar-se-á explicar o episódio através dos acontecimentos do momento: X (marido) não gostou de Y (esposa) ter sido infiel, bebeu demais e a matou pelo que ela fez. Está aí uma explicação óbvia, simples e

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

aceitável por todos. Fora alguns intelectuais metidos a psicólogos e os próprios psicólogos, que nesse caso fariam um discurso acerca da personalidade de X (marido de Y) e de sua infância, sobre a questão do álcool, da infidelidade, da violência, o fato de a mulher ter traído e o homem bebido até “perder a cabeça” seria o mais salientado.

Porém, se causalidade de um fenômeno for entendida como aquilo que é de suma importância, indispensável mesmo, para a ocorrência do fenômeno como ele ocorreu (e é essa concepção de causalidade que se usa tanto no senso comum quanto na ciência e o que mais importa aqui, na ciência de Weber), a face caótica e complexa do fenômeno supracitado apareceria nítida e aterrorizante. Podem dizer o que quiserem, mas uma coisa é certa, se Y não tivesse, quatro anos antes de sua morte, ficado doente e não ter viajado a passeio para a cidade onde conheceu X, ela não teria morrido em 22 de junho de 2010, pois não teria namorado e casado com ele, nem teria desta maneira cometido aquele específico caso de adultério, ou se tivesse morrido, não teria sido pelas mãos de X. Logo, a doença que ela teve quatro anos antes do assassinato, que impediu a viagem, foi também uma causa, como foi igualmente o fato de sua mãe ter tomado cuidado ao descer a escada de sua casa quando estava

grávida (de Y) e, desta maneira, não ter caído, o que poderia ter impedido Y de nascer.

Assim entendido, quem não nasce não morre. O cuidado da mãe de Y foi “uma causa” de esta ter nascido e, por sua vez, ter vivido conhecido X e ter sido assassinada por ele. O que está sendo buscado com isso é uma ilustração do fato de que a quantidade de causas para cada fenômeno é infinita, e não existe nas próprias coisas, critério algum que permita escolher dentre elas uma fração que possa entrar isoladamente em consideração (WEBER, 2001).

Observa-se, então que, a idéia de complexidade contemporânea, já estava nos alicerces do pensamento científico de Weber. A realidade é para ele complexa, ou seja, a ciência não parte do real, ela o constrói com seus métodos e teorias. O cientista social não deve buscar “a causa” de um fenômeno social, mas “uma causa”. Isso é bem diferente. O que Weber fez no estudo sobre a ética protestante e sua relação com o capitalismo não foi descobrir a causa deste, mas “uma causa” específica. Ele mostrou uma relação de interdependência entre dois fenômenos, à ética protestante e o capitalismo “como se desenvolveu” e “onde se desenvolveu”.

Surge um problema: como selecionar uma causa entre a infinitude de causas possíveis de um fenômeno social? É

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

por isso que Weber enfatiza tanto a subjetividade. O terceiro princípio para atingir um conhecimento “objetivo”. Com a subjetividade, e só através dela, é que se pode superar esse impasse. Os valores do cientista, assim como sua visão de mundo vão ser de indispensável relevância, pois são eles que o guiarão na seleção das causas a serem trabalhadas. A importância da subjetividade resulta do fato de que para Weber as categorias do tipo “sociedade”, “estado”, “catolicismo”, “protestantismo”, “racionalidade”, “comunidade”, dentre outras do tipo, não constituem realidades empíricas, embora existam de verdade. Se não são realidades empíricas é preciso reduzi-las às ações dos indivíduos. A ação é a realidade empírica para Weber. Ela só é inteligível eficazmente através da análise da subjetividade. Sem esta o entendimento da ação estaria incompleto.

Todo fenômeno social possui causas econômicas, históricas, culturais e psicológicas. Os economistas, por exemplo, buscarão as causas dos fenômenos através da análise das relações de trabalho, classe, produção, divisão de trabalho, dentre outros fatores do tipo. Mas ele deve ter plena consciência de que as causas que estão salientando são “algumas causas” e não “as causas” do fenômeno de que trata. Essa foi a crítica que Weber fez ao materialismo histórico, sendo que a esfera material era apenas um nível de

determinação dos fenômenos. Para esse autor não há como afirmar objetivamente qual é a causa maior ou mais importante. Isso só pode ser feito através dos valores, das visões de mundo, dos ideais. É por isso que eles são de suma importância para o cientista, pois tanto ajudam a escolher o objeto de estudo, quanto são necessários para lidar com o fenômeno da causalidade.

Segundo Weber, as ciências sociais procuram estudar as razões porque determinados acontecimentos são historicamente “assim” e não “de outra maneira”. Para ele, a formulação de leis gerais tem o efeito de negar a complexidade da realidade. Ela o faz a partir do momento em que nega as singularidades dos acontecimentos. Os problemas dessa abstração exagerada e cega podem ser ilustrados com o exemplo supracitado sobre o assassinato por adultério. Ao buscar criar leis gerais não será possível entender o que faz daquele assassinato “específico”, um acontecimento diferente dos outros assassinatos por adultério. Deste modo, as leis gerais são meios e não fins para a análise científica.

Todavia, não podemos considerar que a explicação causal não é possível nas ciências sociais pelo fato da dificuldade de se criar leis gerais. Um acontecimento que é acidental do ponto de vista de uma dada lei pode, no entanto, ser explicado em

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

função dos seus antecedentes causais. Mas a ciência busca não “a causa” do acontecimento, mas uma ou outra causa. É por isso que se o cientista quiser entender completamente as causas de um fenômeno, ele jamais terminará sua análise, pois que a realidade social é infinita (COHN, 2006; ARON, 2008; WEBER, 2001).

Finalmente o quarto princípio, a formulação de tipos ideais, procedimento metodológico utilizado para garantir qualificação científica às ciências histórico-sociais, principalmente a sociologia. A definição que Weber apresenta da natureza dos conceitos de tipo ideal e a sua utilização nas ciências sociais radica logicamente nesse ponto de vista epistemológico. Os conceitos não derivam da realidade, mas são construídos para a análise, aliás, eles só possuem sentido na análise. E esta, por sua vez, exige a mediação dos valores do cientista, pois a determinação dos problemas considerados como interessantes só pode ocorrer se houver “interesses”. A interpretação e a explicação de uma configuração histórica exigem a construção de conceitos especificamente elaborados com o propósito de analisar e que, tal como os objetivos da análise, não reflete a essencialidade do real. O que é essencial na realidade é simplesmente o que é interessante para o cientista.

Um constructo de tipo ideal cumpre duas funções básicas: I) fornece um caso limitativo com o qual os fenômenos concretos podem ser contrastados; um conceito inequívoco que facilita a classificação e a comparação; II) assim, serve de esquema para generalizações de tipo (...) que, por sua vez, servem ao objetivo final da análise do tipo ideal: a explicação causal dos acontecimentos históricos (MONTEIRO CARDOSO, 2002, p. 14).

O tipo ideal é construído através da abstração e da combinação de um enorme número de elementos que, embora retirados da realidade, dificilmente ou nunca aparecerão a nós na realidade da mesma maneira que estão construídos. Não constitui algo normativo, no sentido de ser aquilo que é desejado, exemplar; na sua pureza, jamais pode consistir na realidade como ela é. Serve para facilitar a explicação e a descrição dos acontecimentos. Ele pode ser construído a partir de um roubo/furto, de um estupro ou de qualquer fenômeno. Esse tipo ideal não é nem constitui nem mesmo uma hipótese. (TRAGTENBERG, WEBER, 2001)

Sua construção, típica ideal, não representa um fim, mas sim um meio heurístico para a análise científica e sua utilidade só pode ser considerada tendo em vista o problema que ajuda a resolver e os fins da pesquisa de que faz parte, tendo sido unicamente pelo fato de orientar a análise de questões empíricas. Com relação ao homicídio “por adultério” supracitado o sociólogo poderia construir um tipo ideal

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

do suicídio por adultério, ao analisar aquele assassinato em particular através de uma comparação entre o fenômeno real e a construção racional típica ideal.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se inferir que ao analisar metodicamente o problema da “objetividade”, Weber almejava criar uma ciência social verdadeiramente “objetiva”, universalmente válida que servisse à prática. Para tanto, apontou quatro condições básicas: o conhecimento sociológico deveria ser axiologicamente neutro, sensível às subjetividades, parcial e possuir uma metodologia que conferisse rigor e qualidade aos resultados da pesquisa, neste caso, a utilização de tipos ideais. Dessa forma, tenta romper com o paradigma positivista, que limitava o conhecimento científico aos fatos (dados da realidade), excluindo totalmente as idéias de valores.

No campo social, a ciência como conhecimento do que é (e não do que deveria ser) consiste no conhecimento daquilo que os homens de certa sociedade, em um determinado tempo, reputam importante, que valha a pena ser conhecido. E para selecionar o que importa o que tem significação, só há um critério: o da referência daquilo que se busca a idéias

de valor que sustenta, enquanto membro da sociedade e pesquisador. Assim, a subjetividade é algo inerente a pesquisa social, ela está implícita nos interesses do cientista e mais precisamente na escolha do objeto de estudo.

Não faz sentido pensar em pesquisa social sem o impulso de um interesse arraigado na sociedade e o fundamento desse fim, sempre será um valor. Da mesma forma, não se pode fazer ciência sem ultrapassar a fase de seleção do objeto rumo à aplicação do método, que independe de valores e decide se o conhecimento será científico ou não. Deste modo, o conhecimento científico deve ser objetivo nos resultados (no sentido de ter valor igual para todos que o procuram), mas não na gênese, pois a força motriz da pesquisa é dada por valores (que valem somente para os que aderem a eles). Isso significa dizer que sem referência a valores não se pratica ciência pois então ela carece de interesse), mas, se o cientista não souber despojar-se dos valores que o nortearam na seleção de seu objeto de estudo ao realizar a pesquisa, cometerá o erro mais fatal, da perspectiva weberiana: o de apresentar como conhecimento científico com valor universal aquilo que não passa de reiteração em outros termos de interesses práticos particulares aos quais ele adere (COHN, 2006)

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

Em suma, não se pode fazer ciência social sem referencia a valores, que conduzem o interesse do cientista àquilo que se mostrará relevante para ele, e então, dotado de significação; da mesma maneira, nada de conhecimento universalmente válido se a pesquisa não deixar para trás as referencias valorativas que a guiaram no início.

Quando Weber afirmava que a ciência só pode formular um conhecimento parcial de fragmentos da realidade, estava buscando não limitar, mas aumentar a eficácia da ciência social. Uma vez que a realidade é infinita então logicamente o conhecimento científico deve ser sempre parcial e não totalizante.

Quanto ao instrumento metodológico proposto pelo autor a fim de conferir maior rigor conceitual e, por conseguinte, qualificação objetiva à pesquisa cabe reforçar que consiste numa tentativa para apreender as individualidades, singularidades históricas ou seus diferentes elementos em conceitos genéticos. Significa um conceito-limite, puramente imagético, com o qual se mede a realidade para tornar claro o conteúdo empírico de alguns de seus elementos importantes e com o qual ela é comparada.

O filósofo alemão acreditava que sem a assimilação e a prática dos princípios aqui expostos, poderiam ocorrer sérios comprometimentos nas ciências

sociais, lacunas que não seriam bem compreendidas quando analisadas.

ABSTRACT

The positivism of the nineteenth century sought to follow a naturalistic model of science, using methods and analytical perspectives uncontested in the exact sciences. The limitation on judgments of fact, the neutrality of the researcher and the reliability of the results of this doctrine were fundamental requirements. In this context, Weber questioned the methodology proposed by this current, stating its inability to meet the needs of Social Sciences. These, also called the Science of Culture, have been defined as an effort to understand and explain the works built by men and the values to which they are members (past or present). From these considerations, the brief article here presented, it is proposed to analyze the meaning of objectivity in the social sciences in view of that author. Thus, the rules will be highlighted, considered essential to obtain an objective sociological knowledge, that is, with universal validity.

KEYWORDS: Positivism. Human values. Objectivity of knowledge in the social sciences. Weber. Universal validity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymond. *As etapas do conhecimento sociológico*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, Gabriel. (Org.). WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 2006. (Coleção ensaios comentados).

MONTEIRO, J. Cauby S. & CARDOSO, Adalberto Trindade. *Weber e o Individualismo Metodológico*. Anais do 3o

O SENTIDO DA OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS PARA MAX WEBER

Encontro Nacional da ABPC – Associação Brasileira de Ciência Política. Niterói – RJ, Julho de 2002.

TRAGTENBERG, Maurício. O sentido da “neutralidade axiológica” nas ciências sociais e econômicas; Estudos críticos sobre a lógica das ciências da cultura. In: *Max Weber - Metodologia das ciências sociais - Parte 1. Introdução à edição brasileira*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento na ciência social e na ciência política, In: *Metodologia das ciências sociais - Parte 1*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

¹ Graduado e Mestre em Geografia, Doutorando em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFRN. Professor do Departamento de Geografia do IFRN. E-mail: gersongomes2003@yahoo.com.br

² Graduada em Turismo e Mestranda em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFRN. E-mail: jussaradma@yahoo.com.br